

RESUMO - TEMA GERAL 1 - MONUMENTOS E SÍTIOS - SUBTEMAS:
FORTIFICAÇÕES E PATRIMÔNIO MILITAR, PATRIMÔNIO RELIGIOSO,
PATRIMÔNIO CULTURAL SUBAQUÁTICO, PATRIMÔNIO DO SÉCULO 20,
PATRIMÔNIO INDUSTRIAL, ARQUITETURA VERNACULAR, PATRIMÔNIO
POLAR, ARTE RUPESTRE.

TEATRO JOSÉ DE ALENCAR: PEÇAS SERIADAS, PATRIMÔNIO ÚNICO

Juliano Loureiro De Carvalho (julianojcarvalho@gmail.com)

O Teatro José de Alencar, construído entre 1908 e 1910 em Fortaleza-CE, foi projetado por Bernardo José de Mello, Herculano Ramos e pela empresa Walter MacFarlane & Co., de Glasgow, e se insere em processos locais de modernização urbanística da época. Tornou-se célebre no Brasil, tombado em nível federal desde 1964, especialmente em virtude da associação da estrutura em ferro fundido do volume da plateia com o partido arquitetônico com pátio, que valoriza essa fachada interna. Desde a década de 1980, constituiu-se uma discussão historiográfica sobre o edifício, com sucessivos textos de Flávio Motta, Geraldo Gomes da Silva e Cacilda Teixeira da Costa, que apresentaram visões discordantes sobre seu caráter único ou seriado, dado o emprego de peças industrializadas e, talvez, de um projeto padronizado.

Partindo de tal questão, este texto explora como teatro nasce único, por resultar de dinâmicas locais; por ter arranjo fechado, atípico para um teatro de jardim; pela autoria compartilhada entre profissionais locais e a firma escocesa; por ser arranjo não-repetido, mesmo com peças seriadas; e por resultar de trabalho artesanal extenso, que conta apenas parcialmente com peças industriais. Além disso, a partir da documentação e da observação presencial,

analisamos como processos ocorridos desde a construção conferem outras camadas de unicidade ao objeto, por meio da inserção de novas obras de arte e artesanato, como as pinturas decorativas da plateia; pelo acúmulo de ações de manutenção, legíveis nas variações de fornecimento dos vitrais e esquadrias; e pelo envelhecimento dos materiais, como o assoalho do palco, os ladrilhos hidráulicos do exterior e as barras de ferro dos corrimãos e guarda-corpos, continuamente manipuladas pelo público. Nos termos de Alois Riegl (1858-1905), o valor de antiguidade se apresenta intensamente, entre os demais valores culturais presentes.

Revisitado a partir dos conceitos de Walter Benjamin (1892-1940), o Teatro José de Alencar faz perceber as vicissitudes que separam o observador contemporâneo da Fortaleza do início do século XX, ao tempo em que apresenta, palpáveis, os produtos das ações e dos indivíduos passados: faz emergirem as experiências simultâneas da aura e do vestígio. Mostra, portanto, como a complexidade da construção e conservação dos edifícios confere a estes uma potente unicidade histórica, mesmo quando são montados a partir de peças produzidas em série.

A partir desse caso, discutimos e refutamos a afirmação corrente de que, na arquitetura do século XX, os elementos construtivos produzidos industrialmente seriam, pela natureza seriada de sua produção, reproduzíveis e substituíveis sem perdas culturais. Em sentido oposto, o caso evidencia que peças industriais podem se integrar, desde sua instalação, a uma realidade historicamente determinada e única; e que, com o tempo – materializado em envelhecimento, manutenção, obsolescência, transformação – podem adquirir novas instâncias de humanidade e unicidade.